

Os perigos dos Negros Brancos: cultura mulata, classe e beleza eugênica no pós-emancipação (EUA, 1900-1920) ¹

The Dangers of White Blacks: mulatto culture, class, and eugenic beauty in the post-emancipation (USA, 1900-1920)

Giovana Xavier da Conceição Nascimento*

RESUMO

Por meio da articulação entre história social da cultura e do trabalho, o artigo discute o processo de fortalecimento da “cultura mulata” promovido por intelectuais afro-americanos das classes alta e média no período pós-emancipação. Ao analisar o “problema da liberdade” com base nos referenciais de beleza construídos por esses “novos negros”, trago à cena textos e fotografias coletados das revistas *The Half Century Magazine*, de Boston, e *The Crisis: a record of the darker races*, de Nova York. Os magazines e outros títulos evidenciam que, entre 1900 e 1930, o sistema de segregação intrarracial baseado na tonalidade da pele (“colorismo”) trouxe como consequência a “pigmentocracia”. Ou seja, o privilégio da pele clara (*light skin*) em relação à escura (*dark skin*) no tocante às oportunidades de mobilidade social.

Palavras-chave: raça; respeitabilidade; pós-emancipação.

ABSTRACT

By linking the social history of culture and labor, this article discusses the process of strengthening the ‘mulatto culture’ promoted by upper and middle class African-American intellectuals in the post-emancipation period. In analyzing the ‘problem of freedom’ based on references to beauty constructed by these ‘New Blacks,’ texts and photographs collected from *The Half Century Magazine*, from Boston and *The Crisis: a Record of the Darker Races*, from New York, are looked at. The magazines and other evidence show that between 1900 and 1930, the intra-racial segregation system based on skin tone (colorism) caused as a consequence ‘pigmentocracy,’ in other words, the privilege of having light skin rather than dark skin in relation to opportunities for social mobility.

Keywords: race; respectability; post-emancipation.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Faculdade de Educação, Núcleo de Pesquisa Intelectuais Negras. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. gixavier@yahoo.com.br

Em 1907, uma “morena evidente” foi forçada a retirar-se do “ônibus para brancos”. Apesar dos “protestos” e “provas visíveis”, a jovem, integrante de uma “influente família sulista”, foi obrigada a sentar-se no transporte do “Jim Crow”. “Afiadas” para sempre “detectar o sangue Africano”, as pessoas do Sul o faziam ainda que o “alisamento do cabelo” ou a “clareza da pele” disfarçasse tal descendência. Até mesmo no Norte, onde as “linhas” (de cor) não eram tão “rigidamente definidas”, a questão da “identidade equivocada” preocupava a população. Lá, tanto homens como mulheres, “perto da idade de se casar”, eram aconselhados a investigar a fundo o *pedigree* de seus amores para afastar qualquer possibilidade de terem suas vidas ligadas a “Africanos disfarçados”. A despeito das “complicações sociais e familiares”, no Norte e no Sul pós-emancipados tornavam-se uma “tendência crescente” os casos de “homens e mulheres de cor” que se “passavam por brancos”, quando assim o podiam fazer.



Figura 1 – “Vagão [trem] do Jim Crow”.

Fonte: Schomburg Center for Research in Black Culture, General Research and Reference Division. Impressa com a permissão de Board of Directors, The Good Life Center. (Nearing, 1929).

Apresentado pela *The Colored American Magazine*, o texto “Perigos do Negro Branco” (Williams, 1907, p.423) coloca-nos diante de uma complexa trama sobre os usos e significados que afro-americanos atribuíram ao seu corpo nas primeiras décadas do século XX, quando a manipulação do cabelo e da pele em busca da boa aparência tornou-se uma prática corriqueira na comunidade *Negro*. Universo pouco conhecido no Brasil, o caso, de pânico e rejeição para uns, de esperança e alívio para outros, nos ajuda a contar parte do processo histórico de construção de novas imagens agenciado por pessoas negras no mundo livre. Esse processo foi diretamente influenciado pelas políticas eugênicas e pelos valores da supremacia branca, que estimularam o colorismo negro,² um sistema de hierarquização dos sujeitos com base na cor mais clara ou escura (Du Bois, 1903). Para entender tal sistema, cabe ressaltar que durante os anos da Reconstrução, muitos mulatos tornaram-se figuras dotadas de prestígio e influência política no país. Conhecidos como “novos negros”, tais personagens integravam um segmento que se autoproclamava “aristocracia da cor”. Uma sociedade de classes à parte nos Estados Unidos, uma “estrutura social paralela” (Kronus, 1971, p.4) a qual Du Bois nomeou como o “décimo talentoso” da raça negra (Du Bois, 1903).

Restritas no tamanho, mas grandes no capital cultural e econômico, as fileiras aristocráticas eram engrossadas por novas e novos negros como Booker T. Washington, o ex-escravo, que, filho de pai branco desconhecido, fundou o Tuskegee Institute no Alabama no final do século XIX; o sociólogo e historiador William E. B. Du Bois, primeiro afro-americano a doutorar-se na Harvard University e também um dos primeiros negros a tornar-se membro da National Association for the Advancement of Colored People (NAACP);³ Fannie Williams, a distinta oradora que numa de suas biografias assegurava nunca ter vivido “discriminação por conta da cor” (Williams, 1904), e a escritora Paulina Hopkins, que conheceremos melhor mais adiante, entre outras personagens. Para continuar narrando nossa história, uma história que se refere à saga afro-americana na busca por respeitabilidade⁴ no mundo livre, trabalharei com imagens publicadas entre 1900 e 1920 e selecionadas de duas revistas: a *The Colored American Magazine* (TCAM), publicada em Boston, e a *The Crisis*, de Nova York e presente até os dias de hoje.

Ambos os periódicos compõem a vasta imprensa afro-americana, iniciada em princípios do século XIX. A TCAM é uma revista criada em 1900 e que circulou até 1909, primeiro em Boston, mudando-se em 1904 para Nova York. Subsidiado pela The Colored Co-operative Publishing Company, a publicação foi um dos primeiros impressos negros do começo do século XX. Com circulação

nacional e tiragem de 15 mil exemplares, o mensário trazia artigos que celebravam a “mais alta cultura” religiosa, científica, cultural e literária do mundo afro-americano letrado. Uma de suas principais editoras foi a notável escritora afro-americana Paulina Hopkins, autora do romance *Contending Forces: A Romance Illustrative of Negro Life, North and South*. Já *The Crisis* data de 1910 e refere-se a um magazine criado e subsidiado pela NAACP. Tendo o proeminente intelectual afro-americano Du Bois como editor, além de divulgar nomes, fotografias, livros e artigos sobre história, cultura, literatura e política produzidos por intelectuais das *darker races* (as raças mais escuras), a revista notabilizou-se por trazer à baila discussões sobre a luta pelos direitos civis e por denunciar os problemas do “Negro Americano”, dentre eles, o perigo constante dos linchamentos. Além disso, diferenciou-se de muitas outras ao publicar reflexões de intelectuais brancos sobre o “problema da Raça Negra”. Também com circulação nacional, em 1918, por exemplo, a *The Crisis* contava com a tiragem de 100 mil exemplares.⁵



Figura 2 – A Vida Social da *America Colored*:
uma reunião em pleno inverno em Baltimore, MD.

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, fev. 1912, v.4, n.2, s.p.

A Figura 2 e as seguintes são compostas por pessoas mulatas com vestimentas impecáveis e semblantes sérios e penetrados. Dona de intensa vida social expressa em saraus, recitais, almoços e jantares beneficentes, mas, sobretudo, graças a políticas de isolamento racial, a aristocracia da cor garantia a sua manutenção como grupo de privilégios, desde o período setecentista, conforme sugerem as observações de Du Bois:

Os mulatos que vemos na rua são invariavelmente descendentes de uma, duas ou três gerações de mulatos, [neles] a infusão de sangue branco provém do século XVII, [visto que em Nova York] somente em 3% dos casamentos das pessoas de cor uma das partes era “branca”. (em Green, 1978, p.151)

Tabela 1 – População total de *Whites* e *Negroes*, EUA, 1850-1920 ⁶

Ano	População Total	Número Whites	Porcentagem White	Número Negro	Porcentagem Negro
1850	23.191.876	19.553.068	84,3%	3.638.808	15,7%
1860	31.443.321	26.922.537	85,6%	4.441.830	14,1%
1870	38.558.371	33.589.377	87,1%	4.880.009	12,7%
1880	50.155.783	43.402.970	86,5%	6.580.793	13,1%
1890	62.947.714	55.101.258	87,8%	7.488.676	11,9%
1900	75.994.575	66.809.196	87,9%	8.833.994	11,6%
1910	91.972.266	81.731.957	88,9%	9.827.763	10,7%
1920	105.710.620	94.820.915	89,7%	10.463.131	9,9%

Fonte: Tabela adaptada de “Color, or Race...”, 1910, Table 3, v.1, p.127, 129.⁷

Tabela 2 – População total *Negro*, dividida em *Black* e *Mulatto*, EUA, 1850-1920

Ano	Negro	Black	Mulatto
1850	3.638.808	3.233.057	405.751
1860	4.441.830	3.853.467	588.363
1870	4.880.009	4.295.960	584.049
1880	6.580.793	–	–
1890	7.488.676	6.337.980	1.132.060
1900	8.833.994	–	–
1910	9.827.763	7.777.077	2.050.686
1920	10.463.131	8.802.557	1.660.554

Fonte: Tabela adaptada de “Color, or Race...”, 1910, Table 6, v.1, p.129.

Tabela 3 – População *Negro* e *Mulatto* em relação à população total dos EUA

Ano	População total dos EUA	População Negro	Porcentagem Negro	População Mulatto	Porcentagem Mulatto
1850	23.191.876	3.638.808	15,69%	405.751	1,75%
1860	31.433.321	4.441.830	14,13%	588.363	1,87%
1870	38.558.371	4.880.009	12,66%	584.049	1,51%
1880	50.155.783	6.580.793	13,12%	–	–
1890	62.947.714	7.488.676	11,9%	1.132.060	1,8%
1900	75.994.575	8.883.994	11,62%	–	–
1910	91.972.266	9.827.763	10,69%	2.050.686	2,23%
1920	105.710.620	10.463.131	9,9%	1.660.554	1,57%

Fonte: Tabela adaptada de “Color, or Race...”, 1910, Table 6, v.1, p.129.

As Tabelas 2 e 3 mostram que os *Mulattoes* representavam a minoria da população afro-americana, situação inalterada desde os tempos da colonização inglesa em razão de uma série de políticas de incentivo à endogamia racial iniciadas pelos escravos *light skin* e perpetuadas por seus descendentes no pós-emancipação. Donos de capital cultural e econômico elevado, os negros de pele clara eram um grupo à parte, conforme sugerem os dados das referidas tabelas. Durante os 70 anos apresentados, tal segmento atingiu o pico de crescimento em 1910, quando representou 2.050.686 pessoas (2,23%). Enquanto isso, *Negroes* totalizavam 9.827.763 (97,77%) da população *Black*. O Quadro 1 permite compreender melhor a história das categorias raciais por meio das quais o grupo *Negro* era classificado aos olhos do Censo.

Quadro 1 – Evolução das categorias de cor para *Negroes* no Censo dos EUA, 1850-1960

Ano	Categorias
1850	Black e Mulatto
1860	Black e Mulatto
1870	Black e Mulatto
1880	Black e Mulatto
1890	Black, Mulatto, Quadroon, Octoroon
1900	Black
1910	Black e Mulatto
1920	Black e Mulatto
1930-1960	Negro

Fonte: United States Bureau of the Census, 1790-1990.^{8 9}

Com o Quadro 1 em mente, percebe-se que durante a vigência do Jim Crow, as imagens aqui mostradas, cuidadosamente orquestradas pelos fotógrafos das cidades de Boston e Nova York, indicam que setores da elite mulata construíram um padrão de beleza eugênico para representação da nova negritude. Alimentado pela pigmentocracia¹⁰ – valorização da pele clara em detrimento da escura no interior da comunidade afro-americana, tal padrão pressupunha a superioridade dos mulatos em relação aos seus “irmãos” mais escuros. Isso se materializava em textos e em expressões distintivas como “massa negra”, usada pelos negros *light-skin* para se diferenciar daqueles *dark-skin* (pele escura).

Em relação à produção das fotografias, assim como ocorria com pessoas brancas, as representações de afro-americanos também são oriundas de todo um preparo prévio frente às câmeras.¹¹ Menos do que simples preocupação com a aparência, tal investimento em poses e luzes demarca uma cultura impressa negra, com o propósito pedagógico de educar leitores e leitoras da raça mediante a publicação de imagens de pessoas conectadas a histórias de sucesso de “empresários progressivos”, tais como o “político” William P. Moore, o “Professor” B. H. Hawkins, “proprietário do *New National Hotel and Restaurant*” e William Pope, o “presidente da *Square Cafe*” (Moore, 1904, p.305-307), dentre outros aristocratas da cor.



Figura 3 – Miss M. A. Winnar, Lestern A. Walton,
Capt W. Il. Butler, Miss Anna K. Russele, Saint Louis, Missouri.

Fonte: *The Colored American Magazine*, v.2, n.?, mar. 1901, p.381.

Na *The Colored American*, por exemplo, esse projeto político-pedagógico de “melhoramento da raça” era ilustrado pelas fotos, feitos e fortunas aristocráticas somados à publicação de contos, poesias e romances, divulgação de eventos como os saraus promovidos por clubes femininos e, não menos importante, construção de mitos e heróis por meio de espaços específicos. Era o caso de “Famous Women of the Race” (Famosas Mulheres da Raça), uma coluna dedicada a homenagear, com pequenas biografias, prestigiosas mulheres negras como as ex-escravas Harriet Tubmann e Sojourner Truth. Ambas foram descritas como “educadoras responsáveis por lutar pela independência e pelo respeito à masculinidade de sua raça” (Hopkins, 1902, p.42). Apesar do chamamento às guerreiras da cor da noite, enganava-se quem pensava que a batalha pela valorização das mulheres negras estava ganha. Afinal, os tempos modernos exigiam outras representações femininas que pusessem definitivamente em xeque a memória da escravidão.

Nos passados presentes, as representações das mulheres escuras precisavam ficar de fora. Elas eram incongruentes com o projeto de feminilidade respeitada (onde se incluía a beleza eugênica) que a elite de cor edificava com suas centenas de *portraits* de novas mulheres. Mulatas refinadas, instruídas e sofisticadas, como a representante da “espécime de *Amtour Work*”, registrada pela câmara de W. W. Holland em texto onde “professores” e “líderes” poderiam aprender a escolher “boas fotografias” e a disseminar a mesma prática entre os demais membros da raça (Holland, 1902, p.6).

Para observarmos a mediação dos conflitos imagéticos entre a velha e a nova mulher negra, tomemos por base uma das edições da *The Colored American Magazine*. Dedicada a cobrir os meses de janeiro e fevereiro de 1902, a publicação narra a saga de Harriet Tubman na coluna “Famous Women of the Negro Race”. Se olharmos atentamente, notaremos ao longo do texto a presença de três mulatas, dentre elas a haitiana Miss Theodora Holly, “autora do livro *Haytian Girl*” (Holland, 1902, p.214-215). Ao considerar que a ordem das imagens e dos textos de uma publicação não é escolhida ao acaso, nota-se que na quinta das 13 folhas reservadas à narração dos feitos da ex-escrava, somos apresentados a Frances Wells e a Olivia Hasaalum. Bonitas e bem trajadas,

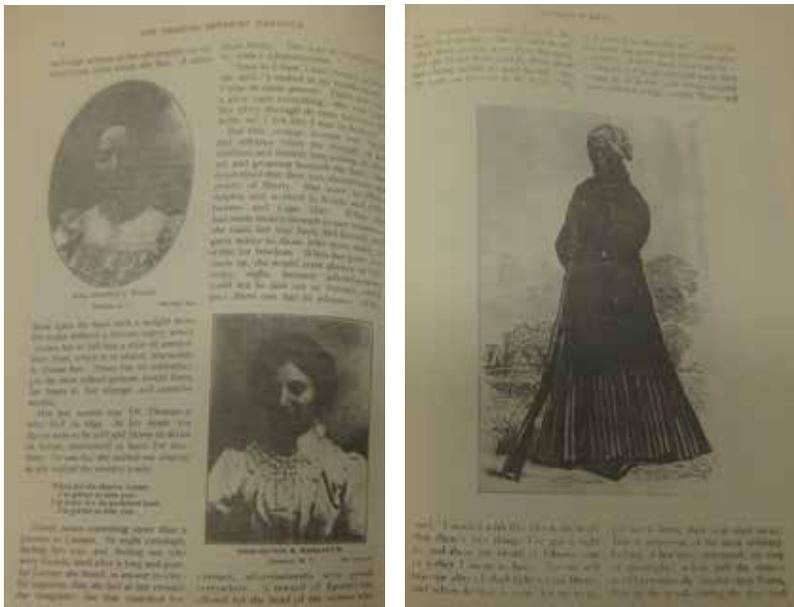


Figura 4 – Do lado esquerdo “Mrs. Frances Wells e Miss Olivia B. Hassalum”, dois protótipos de novas mulheres negras; do direito, representação de Harriet Tubman.

as moças de Oregon contrastam com a imagem subsequente. Provavelmente uma representação de Tubman, que ficara conhecida como “Moses”, a imagem retrata uma mulher *black* usando pano na cabeça, vestindo trajes simplórios e segurando uma espingarda numa das mãos (Holland, 1902, p.212).

O posicionamento das referidas imagens induz a uma comparação “natural” entre a clareza e a escuridão das personagens contrapostas. Com base em tal comparação, o público automaticamente concluiria que o estágio de primitivismo das *blacks* havia sido superado pela mestiçagem e refinamento das *mulattoes*. Embora o texto enalteça a “coragem”, a “força” e o “heroísmo do caráter raramente encontrado” (Holland, 1902, p.212) da retinta Tubman, sua representação iconográfica em comparação com as duas anteriores evidenciava o abismo entre modernidade e primitivismo, abismo simbolizado pela cor. E assim os periódicos investiam em imagens condizentes com uma nova mulher negra que, na condição de “sexo da casa” (Holland, 1902, p.7), era premiada com diversos textos e notas com indicações de como decorar um ambiente ou que roupas usar nos passeios de finais de semana.

Se considerarmos a autoria do texto em homenagem a Harriet Tubman, nas mãos de Paulina Hopkins veremos que tal contraponto adquire ainda mais sentido. Extremamente engajada na luta antirracista, a escritora e editora da revista é considerada uma pioneira da literatura afro-americana e, como tal, tornou-se lutadora árdua contra os “estigmas que degradavam a [sua] Raça” (Hopkins, 1988, p.13). Hopkins, que deve ser entendida em seu tempo, lançou mão de uma série de concepções eugênicas em seus escritos.

No seu quarto romance, *Contending Forces*, publicado em 1900, a autora, por exemplo, enfatizava como os negros haviam progredido no vestuário, na aparência e nas maneiras. Fazendo coro com outros intelectuais afro-americanos acerca da educação como a principal solução para combater a marginalização dos descendentes de escravos, ela buscou remédios próprios para os males que lhes afligiam. Ao adaptar as premissas de aperfeiçoamento racial da eugenia ao mundo negro, a ativista pregava que o melhoramento dos *blacks* se daria, principalmente, mediante casamentos inter-raciais com os brancos. Isso é anunciado pela personagem Dora Smith, uma mestiça, considerada por sua mãe como alguém de “inteligência superior” graças à ancestralidade branca. Não por acaso Mrs. Smith é a mesma mãe que páginas à frente constata que nos Estados Unidos “a raça Negra tornou-se uma raça de Mulatos” (Hopkins, 1988, p.152).

Com a defesa de uma eugenia específica para os negros, Hopkins determinava que o progresso da “Raça” não era apenas cultural, mas, sobretudo, biológico. Sua percepção é um afortunado exemplo que elucida as interações entre gênero, classe e cor na comunidade negra – interações interseccionais que deram luz a um referencial de beleza eugênica que, refletido também nos anúncios da cosmética e internalizado por muitos sujeitos de cor, alimentou o clima de pânico dos brancos frente ao alastramento de “africanas disfarçadas”¹² como bem poderiam ser as senhoritas Lila Morse e Carrie Oliver, da Virgínia, e Madame Elizabeth Williams, de Nova York.



Figura 5 – Miss Lila Morse e Miss Carrie M. Oliver, alunas da futura turma do *Boynton Institute*, Virgínia, de 1901.

Fonte: *The Colored American Magazine*, nov. 1900, p.37.¹³



Figura 6 – Mme. Elizabeth R. Williams, Nova York, “tutora profissional por muitos anos em várias partes do Sul”.

Fonte: *The Colored American Magazine*, v.2, n.2, dez. 1900, p.135.

Conforme temos visto, a pesquisa na *The Colored American Magazine* faz concluir que, do ponto de vista comportamental, boas maneiras, devoção religiosa e prestígio eram pré-requisitos indispensáveis para que um negro fosse considerado “novo”, ou seja, uma *persona grata*, alguém respeitável. Entretanto, as elegantes vestimentas, os cabelos arrumados, os olhares sérios e as poses compenetradas teriam um sentido muito menos importante, se analisados isoladamente. A leitura das imagens em conjunto com os textos sugere que, para ficar bem na foto, era preciso, sobretudo, estudar, qualificar-se – preparar-se, enfim – para o novo mundo, o universo da liberdade, do urbano, do industrial. E, nesse sentido, construir uma comunidade de cor, reconhecida por seu talento, sua inteligência e versatilidade era tão primordial quanto ter dinheiro.

Em termos econômicos, para ser da classe média era necessário possuir emprego fixo, bens como imóveis e carros, pequenos negócios como salões, pensões, barbearias e tipografias. No caso dos mais ricos, esperava-se que

tivessem terrenos ou negócios como bancos, supermercados, funerárias, joalherias, seguradoras, consultórios médicos, dentários, escritórios de advocacia, escolas ou faculdades, e que exercessem cargos diretivos ou que exigissem formação superior.



Figura 7 – Cirurgião-Chefe de cor, estagiários e enfermeiras, General City Hospital, Kansas City, Missouri.

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, set. 1914, v.8, n.5, p.231.

Para construir uma análise que se contraponha à homogeneização da população negra na pós-emancipação como a de uma multidão de pobres degradados, com inserção restrita ao setor de serviços domésticos e aos pequenos ofícios,¹⁴ é importante articular história social do trabalho e da cultura. E observar como grupos específicos de descendentes de escravos conquistaram mobilidade social, tornaram-se pequenos, médios e grandes empreendedores frente ao racismo e à segregação. Trata-se de priorizar o estudo da formação da classe média negra, esforço pioneiro empreendido por Franklin Frazier nos anos 1950.

Para historicizar o processo de mobilidade social do grupo em questão, o antropólogo afro-americano ressaltava a fundação de 134 bancos negros entre 1888 e 1934 (Frazier, 1997, p.39). Instituições financeiras oriundas do *Freedmen's Savings Bank*, elas foram fundamentais para tal ascensão social ao oferecerem “suporte racial” (Frazier, 1997, p.41). Um suporte racial na forma de crédito consignado e capital iniciais para que negros comprassem terras e

construísssem hotéis, lojas, igrejas, barbearias, cabarés, teatros, salões de cabeleireiro, funerárias, sinucas e outros estabelecimentos comerciais até então monopolizados pelos brancos.

Outro fator não menos importante para o alavancar do empresariado negro¹⁵ foi a grande migração para o norte do país a partir da década de 1890. Se até 1900, 90% dessa população vivia no Sul, nos anos subsequentes o quadro mudou significativamente. A chegada em massa a cidades como Chicago e Nova York traduziu-se no ingresso dos indivíduos em vultuoso mercado de trabalho urbano que estimulou a formação de uma elite profissional. Ainda que em meio às transformações, boa parte das ocupações disponíveis fossem voltadas para mão de obra não qualificada, estima-se que 3% dos negros tenham se empregado em cargos de escriturários, tais como taquígrafa, secretária, escrevente, auxiliar administrativo etc. (Frazier, 1997, p.44).



Figura 8 – Dois dentistas afro-americanos e uma mulher higienista na *New York Tuberculosis and Health Association, Inc.*, 1926.

Fonte: Library of Congress, Prints and Photographs Divisions, Washington, D.C.

No caso do Norte, onde as oportunidades educacionais eram maiores,¹⁶ isso se deu, sobretudo, no setor público. Já no Sul, ocorreu basicamente em escolas e empresas do *Black Business*. A Tabela 4 reúne diversas profissões exercidas pelas pessoas negras na virada do século.

Tabela 4 – População *Negro* com engajamento mínimo de 10 anos em ocupações específicas: 1900

OCUPAÇÃO	População Negro com engajamento mínimo de 10 anos em ocupações remuneradas: 1900	
	População Negro (em números)	Pessoas com ocupações específicas (porcentagem)
Continente norte-americano: todas as ocupações	3.992.337	–
Ocupações que dão emprego a no mínimo 10 mil Negros em 1900	3.807.008	–
Trabalhadores agrícolas	1.344.125	33,7
Fazendeiros, plantadores e capatazes	757.822	52,7
Trabalhadores (não especificados)	545.935	66,4
Empregados e garçons	465.734	78,1
Passadeiras e lavadeiras	220.104	83,6
Carroceiros, lenhadores, caminhoneiros etc.	67.585	85,3
Empregados de ferrovias com trens a vapor	55.327	86,7
Mineiros e pedreiros	36.561	87,6
Serradores e aplainadores de madeira	33.266	88,4
Porteiros e ajudantes (em lojas etc.)	28.977	89,1
Professores e profissionais em faculdades etc.	21.267	89,6
Carpinteiros e marceneiros	21.113	90,1
Fazendeiros e trabalhadores da produção de terebintina	20.744	90,6
Barbeiros e cabeleireiras	19.942	91,1
Enfermeiras e parteiras	19.431	91,6
Clérigos	15.528	92,0
Operários de fábricas de tabaco e cigarro	15.349	92,4
Trabalhadores de albergues	14.496	92,8
Pedreiros (pedra e tijolo)	14.386	93,2
Costureiras	12.569	93,5
Trabalhadores de ferro e aço	12.327	93,8
Costureiras profissionais	11.537	94,1
Zeladores e sacristãos	11.536	94,4
Governantas e mordomos	10.590	94,7
Pescadores e catadores de ostras	10.427	95,0
Oficiais de máquinas e foguistas (não trabalham em locomotivas)	10.224	95,2
Ferreiros	10.100	95,4
Outras ocupações	185.329	

Fonte: Tabela adaptada de Willcox, 1904, Table LXII, p.57.

Embora a maioria da população negra apresentada na tabela concentre-se nas atividades rurais (trabalhadores agrícolas, 1.344.125, e fazendeiros, plantadores e capatazes, 757.822), os dados também podem nos levar a conclusões mais ousadas e afinadas com perspectivas historiográficas que ressaltam as experiências diversas de trabalho livre nas Américas (Cooper et al., 2005). Aliás, não por acaso, a nomenclatura “trabalhador” foi um dos entraves apontados por Willcox, o elaborador da tabela, para que os recenseadores quantificassem as ocupações exercidas pelos negros (Willcox, 1904, p.57).

O estatístico informa que usualmente o Censo trabalhava com cinco “classes profissionais”: “agricultura, serviços pessoais e domésticos, comércio e transporte, manufatura e mecânica”. Entretanto, os índices de homens e mulheres afro-americanos em ocupações “não qualificadas” e que declaravam ser apenas “trabalhadores” era altíssimo, forçando os gestores a orientar os recenseadores a, nesse caso específico, perguntar de forma mais direta qual era o “ganha-pão” de cada um dos entrevistados (Willcox, 1904). Considerando esse contexto, ressalto que os debates sobre o “problema da liberdade” em sociedades pós-emancipação pontuam a persistência dos descendentes de escravos em se afirmar como trabalhadores, afirmação que evidencia a construção de uma nova linguagem de trabalho relacionada à luta pela obtenção da cidadania plena.

Para explorar mais as informações dispostas na tabela publicada em boletim do Censo de 1904, tomarei como parâmetro os 3.807.008 trabalhadores quantificados em “ocupações que dão emprego a no mínimo 10 mil *negroes* em 1900”. E, com base nesses números absolutos, calcularei os percentuais referentes a determinados grupos de trabalhadores *negroes*. As porcentagens conferem mais nitidez ao fato de que apenas uma minoria seleta dos trabalhadores em questão desempenhava profissões que prescindiam de alguma instrução ou especialização prévia. São os casos de “professores e profissionais em faculdades” (21.267, 0,55% dos *negroes*) e clérigos (15.528, 0,4% dos *negroes*), aliás, duas das principais ocupações desses aristocratas.

Ainda sobre a divisão do trabalho e continuando a conversão de números absolutos em porcentagens, percebe-se que, embora em termos numéricos a classe média fosse bem mais representativa que a alta, integrar a primeira também se constituía em exceção. Os percentuais de ferreiros (0,26%), carpinteiros (0,55%), cabeleireiras e barbeiros (0,52%) e enfermeiras e parteiras (0,51%) evidenciam tal excepcionalidade. Os mesmos baixos índices de costureiras profissionais (0,3%), oficiais de máquinas e foguistas (0,26%) convidam-nos a conclusões similares.

Em termos de articulações entre raça e imagem, o quadro também nos permite notar o índice pequeníssimo de afro-americanos empregados em profissões historicamente relacionadas à “boa aparência”,¹⁷ tais como: porteiros e zeladores (0,76%), governantas e mordomos (0,27%). Outro fator que reforça a raridade da mobilidade social, aspecto veementemente denunciado por Frazier, apoia-se na persistência de seus membros em exercer ocupações atreladas à história do trabalho doméstico: empregados, garçons (12,2%) e lavadeiras (5,78%), além dos 14,3% reunidos sob o rótulo de “trabalhadores não especificados”.

No turbilhão da estrutura classista, respeitabilidade, instrução, refinamento, pele clara, ancestralidade branca e bens materiais perpetuaram-se como algumas das principais marcas que distinguiam os mulatos, com todo seu sucesso, dinheiro e instrução, dos *blacks*. Tal contexto, presente em cidades como Filadélfia, Savana, Atlanta, Nova York, Saint Louis, Boston e Nova Orleans, foi alimentado por uma lógica colorista. Uma “economia da cor” (Harris, 2009, p.1-5) que realocava os sujeitos numa nova realidade cada vez mais racializada, tendo como referência a contraposição entre ser claro ou escuro.

Ao considerar as fotografias em sintonia com o alastramento de práticas educacionais eugênicas, percebe-se que o ideário de clareamento era simultânea, mas diferentemente alimentado pelo racismo branco e pelo colorismo negro, este último valorizando a mulatice como “capital social” (Glenn, 2009). Usado pelos afro-americanos para construir suas relações internas de classe, esse capital social da pele clara como melhor, mais bonita e moderna está presente na maior parte dos periódicos até ao menos os anos 1920, quando as concepções de Garvey começam a questionar o colorismo e a pigmentocracia da imprensa negra. Também contribui para a ressignificação da *cútis* escura a aceitação do bronzamento para mulheres brancas. A obtenção de uma cor “exótica” (ibidem, p.183) passa então a ser associada à melhor condição econômica expressa, por exemplo, pela possibilidade de passar férias em países tropicais.¹⁸

A despeito desse cenário de mudanças a história aqui contada refere-se a um processo de racialização próprio dos negros. Mediante experiências e percepções diferenciadas acerca da cor, tais sujeitos construíram uma noção racializada de beleza assinalada pela valorização da aparência mulata (visualmente branca), jovem, urbana, moderna, bem-sucedida. Todavia, antes de incorrer em simplificações, juízos de valor ou decepções alimentadas pela ilusão romântica de uma solidariedade intrarracial genética¹⁹ ou do que Bayard Rustin chamou de “noção sentimental da solidariedade negra”,²⁰ é pertinente pensar que a prática do colorismo derivou-se de valores criados e reforçados pela supremacia branca.

Posto então o painel de afirmações e apreensões que a existência dos mulattos ajudava a gerar, ninguém melhor para encerrar a conversa do que as personagens seguintes. Criteriosamente escolhidas, as modelos que posaram para a *The Colored American Magazine* eram donas de projetos próprios para reconstrução da feminilidade (Wolcott, 2001, p.3). Uma reconstrução que as reconhecesse como mulheres instruídas. Ícones de uma negritude revigorada, além da preocupação com a elegância, nossas madames negras, “posudas”, importunavam-se com o futuro da sua gente de cor, mas essa é uma outra história...



Figura 9 – Capa, *The Colored American Magazine*, ago. 1901.

REFERÊNCIAS

- BARICKMAN, Bert. Passarão por mestiços: o bronzamento nas praias cariocas, noções de cor e raça e ideologia racial, 1920-1950. *Afro-Ásia*, Salvador, n.40, p.173-221, 2009.
- CALIVER, Ambrose. *A Background Study of Negro College Students*. Washington, D.C.: Government Printing Office, 1933.

- COLOR, or Race, Nativity and Parentage. *Thirteenth Census of the United States Taken in the Year 1910*, Department of Commerce, Bureau of the Census, Washington Government Print Office, Population, General Report and Analysis. Table 3, v.1, p.127, 129.
- COOPER, F.; HOLT, T.; SCOTT, R. *Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- CRAIG, Maxine Leeds. *Ain't I a Beauty Queen: Black Women, Beauty and the Politics of Race*. New York: Oxford University Press, 2002.
- DAMASCENO, Caetana Maria. *Segredos da Boa Aparência: Da "cor" à "boa aparência" no mundo do trabalho carioca, 1930-1950*. Rio de Janeiro: Ed. UFRRJ, 2011.
- DANKY, James P.; WIEGAND, Wayne A. (Ed.) *Print Culture in a Diverse America*. Champaign: University of Illinois Press, 1998.
- DU BOIS, W. E. B. The Talented Tenth (Excerts). In: _____. *The Negro Problem: A Series of Articles by Representative Negroes of To-day*. New York, 1903. Disponível em: www.yale.edu/glc/archive/1148.htm; Acesso em: 30 jan. 2015.
- FRAZIER, Franklin. *Black Bourgeoisie*. [1.ed. 1957]. New York: Free Press Paperbacks, 1997.
- GATEWOOD, Willard B. *Aristocrats of Color: The Black Elite, 1880-1920*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 2000.
- GLENN, Evelyn Nakano (Ed.) *Shades of Difference: Why Skin Color Matters*. California: Stanford University Press, 2009.
- GLENN, Evelyn Nakano. Consuming Lightness: Segmented Markets Global Capital in the Skin-Whitening Trade. In: GLENN, Evelyn Nakano (Ed.) *Shades of Difference: Why Skin Color Matters*. California: Stanford University Press, 2009. p.166-187.
- GREEN, Dan S. (Ed.) W. E. B. Du Bois On Sociology and the Black Community. [1911]. Illinois: The University of Chicago Press, 1978.
- GROOMS, Robert M. Dixie Censored subject: black slave owners. Disponível em: http://americancivilwar.com/authors/black_slaveowners.htm; Acesso em: 3 out. 2011.
- HARRIS, Angela. Introduction: Economies of Color. In: GLENN, Evelyn Nakano (Ed.) *Shades of Difference: Why Skin Color Matters*. California: Stanford University Press, 2009. p.1-5.
- HOLLAND, W. W. Photography for Our Young People. *The Colored American Magazine*, p.5-9, May 1902.
- HOPKINS, Paulina. *Contending Forces: A Romance Illustrative of Negro Life North and South*. [1.ed. 1900]. New York: Oxford University Press, 1988.
- HOPKINS, Paulina. Famous Women of the Negro Race, III – Harriet Tubman. *The Colored American Magazine*, v.4, n.3, p.210-223, Jan.-Feb. 1902.

- HOPKINS, Paulina. Famous Women of the Negro Race. *The Colored American Magazine*, v.4, n.6, p.41-46, May 1902.
- JAMES, Winston; HARRIS, Clive. *Inside Babylon: The Caribbean Diaspora in Britain*. London; New York: Verso, 1993.
- JOYCE, Donald Franklin. *Black Book Publishers in the United States: A Historical Dictionary of the Presses, 1817-1990*. s.l.: Greenwood Press, 1991.
- KOUTSOUKOS, Sandra. *Negros no estúdio do fotógrafo: Brasil, segunda metade do século XIX*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2010.
- KRONUS, Sidney. *The Black Middle Class*. Ohio: Charles E. Merrill Publ Co, 1971.
- MOORE, William. Progressive Business Men of Brooklyn. *The Voice of the Negro: an illustrated monthly magazine*, jul. 1904, v.1, n.7, p.304-308, jul. 1904.
- NEARING, Scott. *Black America*. New York: The Vanguard Press, 1929.
- NICKEL, John. Eugenics and the fictions of Paulina Hopkins. In: CUDDY, Louis A.; ROCHE, Clarie M. (Ed.) *Evolution and Eugenics in American Literature and Culture, 1880-1940: Essays on Ideological Conflict and Complicity*. Lewisburg: Bucknell University Press, 2003. p.133-147.
- OPPORTUNITIES for New Business. The Great Migration – Migration Resources. Schomburg Center for Research in Black Culture. Disponível em: www.inmotionname.org/gallery/detail.cfm?migration=8&topic=99&id=465288&type=image&page=10; Acesso em: 28 nov. 2011.
- REUTER, Edward Byron. *The Mulatto in the United States*. Boston: R. G. Badger, 1918.
- THE COLORED AMERICAN MAGAZINE: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race. Boston, Mass.
- WALKER, Juliet. *The History of Black Business in America: Capitalism, Race, Entrepreneurship*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2009.
- WILLCOX, Walter. Distribution by Occupation. In: _____. *Negroes in the United States*. Department of Commerce and Labor Bureau of the Census S. N. D. North Director, Bulletin 8, General Tables, Washington Government Printing Office, 1904.
- WILLIAMS, Fannie Barrier. Perils of the White Negro. *The Colored American Magazine*, v.12-13, p.421-423, 1907.
- WILLIAMS, Fannie Barrier. A Northern Negro's Autobiography. *Independent*, LVII, 14 jul. 1904.
- WOLCOTT, Victoria W. *Remaking Respectability: African American Women in Interwar Detroit*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2001.
- WOODSON, Carter Goodwin. *The Negro Professional Man and the Community*. Washington, D.C.: Association for the Study of Negro Life and History, Inc., 1934.
- XAVIER, Giovana. *Branças de almas negras? Beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-emancipação (EUA, 1890-1930)*. Tese (Doutorado em História) – IFCH, Unicamp. Campinas, SP, 2012.

NOTAS

¹ Esta pesquisa contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na forma de bolsa doutorado e de doutorado sanduíche, realizado na New York University em 2009. Agradeço a Barbara Weinstein, Sidney Chalhoub e aos participantes dos Grupos de Estudo e Pesquisa Cultura Negra no Atlântico (Cultna/UFF) e Intelectuais Negras pelas discussões realizadas, fundamentais para a escrita deste texto.

² Sobre colorismo ver: GLENN, 2009.

³ A NAACP foi fundada em 12 de fevereiro de 1909 por liberais brancos como Mary White Ovington e Oswald Garrison Villard (ambos descendentes de abolicionistas) durante um encontro para discutir “justiça racial” frente à dura realidade de linchamentos diários de negros pelos Estados Unidos. Dos sessenta participantes, apenas sete eram afro-americanos, dentre eles o historiador e sociólogo W. E. B. Du Bois e Ida B. Wells-Barnett, jornalista, professora e militante dos direitos civis. O objetivo inicial da organização era o de fazer valer os direitos das 13^a, 14^a e 15^a Emendas Constitucionais, que diziam respeito ao fim da escravidão, à proteção igualitária perante a lei e ao sufrágio universal masculino, respectivamente. Em 1910, a Associação estabeleceu seu escritório nacional na cidade de Nova York tendo nomeado Moorfield Storey, um advogado branco, como seu presidente e tendo escolhido uma equipe de diretores. Na ocasião, o único membro afro-americano que participou dos quadros executivos da NAACP foi W. E. B. Du Bois. Atuando como Diretor de Publicações e Pesquisa, o intelectual fundou em 1910 *The Crisis*, a publicação oficial da organização que circula até hoje. Em 1913, a organização criou escritórios locais em Boston, Massachusetts; Baltimore, Maryland; Kansas City, Missouri; Washington, D.C.; Detroit, Michigan, e St. Louis, Missouri. Entre 1917 e 1919, seus filiados cresceram de 9 mil para 90 mil. Em 1919, a organização publicou um importante relatório, “Thirty Years of Lynching in the US” (“Trinta Anos de Linchamento nos EUA”). Em 1920, James Weldon Johnson tornou-se seu primeiro secretário negro. Ainda hoje, o principal objetivo da NAACP é “assegurar a equidade política, educacional, social e econômica dos cidadãos de grupos minoritários dos Estados Unidos e eliminar o preconceito racial”. Disponível em: www.naacp.org/pages/naacp-history; Acesso em: 1 ago. 2011.

⁴ Discussão primordial sobre a reconstrução da feminilidade negra no período pós-emancipação encontra-se em: WOLCOTT, 2001.

⁵ Para mais informações sobre a história da imprensa negra nos Estados Unidos, ver, dentre outros: JOYCE, 1991.

⁶ Para todas as tabelas, os números referentes aos outros grupos (indígenas, asiáticos, estrangeiros) foram desconsiderados.

⁷ Por causa das dificuldades de acesso, as informações referentes ao Censo de 1920 apresentadas nas tabelas baseiam-se em “United States – Race and Hispanic Origin: 1790 to 1990”. Disponível em: www.census.gov/population/www/documentation/twps0056/tab01.pdf; Acesso em: 11 out. 2011.

⁸ Embora *mulatto* tenha sido utilizado para classificar os *negroes*, os resultados da quantifi-

cação não foram disponibilizados no Censo de 1880. Nas células referentes a esse grupo, vemos as iniciais NA (Not Available/Não Disponíveis). “Population by color”, em Tenth United States Census Taken in the Year 1880, Department of Commerce, Bureau of the Census, Washington Government Print Office, Population, General Report and Analysis.

⁹ Para mais informações sobre a construção de políticas de endogamia racial entre a população mulata na escravidão ver, dentre outros: GATEWOOD, 2000, e XAVIER, 2012.

¹⁰ Cabe salientar que os intelectuais afro-americanos mantêm uma longa tradição de estudos sobre a pigmentocracia, na qual destacam-se trabalhos pioneiros como: CALIVER, 1933; WOODSON, 1934; REUTER, 1918. Uma análise mais recente, preocupada nas articulações entre gênero, políticas raciais e pigmentocracia, pode ser vista em CRAIG, 2002. Já sobre os impactos da pigmentocracia no Caribe destaca-se: JAMES; HARRIS, 1993.

¹¹ A partir da segunda metade do século XIX, a preparação prévia para a retirada de fotografias tornou-se uma prática muito comum, presente em todas as classes sociais. Ver a esse respeito: KOUTSOUKOS, 2010.

¹² A respeito do papel da eugenia na obra de Paulina Hopkins ver: NICKEL, 2003.

¹³ Embora a edição da revista seja de novembro de 1900, o texto faz menção à turma de estudantes de 1901, provavelmente a próxima do Instituto.

¹⁴ Para problematização dessa ideia ver: WALKER, 2009.

¹⁵ Estima-se que nos anos 1920 existissem aproximadamente 75 mil empresários negros nos Estados Unidos. Cf. “Opportunities...”, s.d.

¹⁶ No Norte do país, as crianças, por exemplo, tinham mais oportunidades educacionais, pois a legislação local proibia o trabalho infantil.

¹⁷ Para as relações entre cor, gênero e boa aparência na primeira metade do século XX, ver: DAMASCENO, 2011.

¹⁸ A respeito dos significados do bronzeamento ver: BARICKMAN, 2009.

¹⁹ Por meio de casos distintos, Grooms desconstrói esse romantismo demonstrando que, quando libertos, os negros, na maior parte dos casos, tornavam-se senhores de escravos no Sul do país. Com base nos dados do Censo de 1860, dos 4,5 milhões de afro-americanos, aproximadamente 4 milhões eram escravos por lá, ao passo que 261.988 eram livres. Tomando como referência o caso de New Orleans, que era habitado por 10.689 dessa população de ex-escravos (na qual se destacava um grande contingente de pessoas de pele clara, descendentes Crioulos) foram registrados 3 mil negros livres proprietários de escravos. Isso equivale a dizer que em torno de 28% da população de cor livre do local possuía cativos. Ver: GROOMS, s.d.

²⁰ Para o ativista tal “noção” era responsável por perpetuar a ideia de que antes da emancipação a cultura negra era iletrada e as experiências de seus sujeitos homogêneas, visto que a escravidão homogeneizava todos os negros, impedindo que qualquer tipo de privilégio ou de distinção por classe, comportamento ou força se manifestasse entre eles. Ver: DANKY; WIEGAND, 1998, p.151.

Artigo recebido em 1º de fevereiro de 2015. Aprovado em 23 de fevereiro de 2015.